



A cidade Grega

A cidade – pólis, em grego – é um pequeno Estado soberano que compreende uma cidade e o campo ao redor e, eventualmente, alguns povoados urbanos secundários. A cidade se define, de fato, pelo povo – demos – que a compõe: uma coletividade de indivíduos submetidos aos mesmos costumes fundamentais e unidos por um culto comum às mesmas divindades protetoras.

(FUNARI, Pedro Paulo. Grécia e Roma. SP: Contexto, 2001)

A roca, e não o debate, é o trabalho das mulheres

A sociedade ateniense foi organizada para o mundo masculino. Às mulheres estavam reservadas funções domésticas. Os pais tratavam dos casamentos das filhas adolescentes, as quais, após as núpcias, ficavam sob o domínio total dos maridos. Nesse mundo masculino, ficar em casa e em silêncio era o maior exemplo de virtude para as representantes do sexo feminino.

Por isso, quando os esposos recebiam convidados para o jantar, elas ficavam em seus aposentos, normalmente no andar superior das casas, unguindo o corpo com essências aromáticas e óleos perfumados para gozar posteriormente da companhia masculina.

A educação masculina ateniense, contrária à de Esparta, era flexível e aberta como na grande maioria das cidades gregas. Enquanto as mulheres eram preparadas para a vida doméstica, singela e submissa, os homens recebiam cuidados especiais para que desenvolvesse nos cidadãos um conjunto de qualidades da mente e do corpo, harmonioso e refinado. O trecho a seguir retrata bem a natureza educacional de Atenas:

“Mãe, ama, pai e professor competem entre si para o aperfeiçoamento da criança, logo que esta é capaz de entender o que lhe dizem... se obedece está tudo bem. Do contrário, é corrigida à força de ameaças e pancadas, com um pedaço de madeira curvo ou torcido”.
(Protágoras)

A escravidão na Grécia Antiga - segundo Aristóteles

“Alguns pretendem que o poder do senhor é contra a natureza, que se um é escravo, e o outro livre, é porque a lei o quer, que pela natureza não há nenhuma diferença entre eles e que a servidão é obra não da justiça, mas da violência. A família, para ser completa, deve compor-se de escravos e de indivíduos livres. Com efeito, a propriedade é uma parte integrante da família, pois sem os objetos de necessidade é impossível viver e viver bem. Não se saberia pois conceber um lar sem certos instrumentos. Ora, entre os instrumentos, uns são inanimados, outros vivos... O escravo é um instrumento vivo. Se cada instrumento pudesse, por uma ordem dada ou pressentida, executar por si mesmo seu trabalho, como as estátuas de Dédalo ou os tripés de Hefáistos, que segundo Homero, dirigiam-se em marcha automática, às reuniões dos Deuses, se as navetas tecessem sozinhas... então os chefes da família dispensariam os escravos... O escravo é uma propriedade que vive, um instrumento que é homem. Há homens assim feitos por natureza? Existem homens inferiores, tanto quanto a alma é superior ao corpo, e o homem ao bruto; o emprego das forças corporais é o melhor partido a esperar do seu ser; são escravos por natureza... útil aos próprios escravos, a escravidão é justa.” Aristóteles

(ISAAC, J., DEZ G., WEILER, A. **História Universal**: Oriente e Grécia. SP: Mestre Jou, 1964, p. 182)



A DEMOCRACIA GREGA

Será que a experiência da Grécia Antiga tem algo a nos ensinar sobre a democracia nos nossos dias? Sabemos que a história das idéias nunca é apenas a história das idéias; é, também, a história das instituições, da própria sociedade. Nesse sentido, procure, refletir sobre os pontos discutidos pelo historiador Finley no texto que se segue.

“(…) Nenhuma descrição da democracia grega ateniense pode ter qualquer validade se ignorar quatro pontos, cada um deles evidente por si mesmo. O primeiro é que era uma democracia direta, e por mais que esse sistema possa ter muitos pontos em comum com a democracia representativa, as duas diferem em certos aspectos fundamentais e, em especial, nas próprias questões que me interessam. O segundo ponto é o que Ehrenberg chama “espaço restrito” da cidade-Estado grega, enfatizando corretamente que a percepção desse ponto é crucial para entender a vida política da cidade-Estado. Aristóteles resumiu as implicações em uma passagem famosa: ‘Um Estado constituído por demasiadas pessoas não será um Estado verdadeiro pela simples razão de que dificilmente terá uma verdadeira constituição. Quem pode ser o comandante de uma massa assim tão imensa? E quem pode ser o arauto, a não ser Estentor’ (Política, 1326b 3-7)

O terceiro ponto é que o sistema culminava na Assembléia, possuía o direito e o poder de tomar todas as decisões políticas, com poucas limitações na prática, seja de precedentes, seja de raio de ação. (...) A assembléia, enfim, não era nada além de um comício ao ar livre, na colina chamada Pnyx. O quarto ponto, portanto, é que estamos lidando com problemas de comportamento de massa: a psicologia e as leis de comportamento que funcionam em um pequeno grupo, ou mesmo no maior órgão do qual o Parlamento moderno é um exemplo (embora deva se admitir que, hoje, praticamente só podemos reconhecer a existência dessas influências)”

(FINLEY, M. I. **Democracia Antiga e moderna**. RJ: Graal, 1988)

Sobre a Cultura Grega

Por contraste, a civilização da Grécia, principalmente na sua forma ateniense, fundava-se em idéias de liberdade, de otimismo, de secularismo, de racionalismo, de glorificação tanto do corpo como do espírito e de grande respeito pela dignidade e mérito do indivíduo. Se o indivíduo alguma vez se submetia, era à lei da maioria. A religião era terrena e prática, servindo aos interesses dos humanos. A adoração dos deuses era um meio de enobrecimento do homem (...). A cultura dos gregos foi a primeira a se basear no primado da inteligência – ou seja na supremacia do espírito de livre exame. Não havia assunto que temessem analisar ou questão que considerassem excluída do domínio da razão. Em extensão jamais verificada em épocas anteriores, o entendimento superou a fé, e a lógica e a ciência superaram a superstição.

(BURNS, E.M. **História da civilização ocidental**. 2ed. Porto Alegre: Globo, 1972)